

FIOS QUE NARRAM: CONHECIMENTO HISTÓRICO E REMEMORAÇÃO DE UM NORDESTE (ANTI)COMUNISTA

Júlio Ernesto Souza de Oliveira¹

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

Respeitado estudioso da História Oral, Antonio Torres Montenegro é Professor de História do Brasil da Universidade Federal de Pernambuco e membro fundador da Associação Brasileira de História Oral. Sua obra *História, Metodologia, Memória* se evidencia, em termos de abordagem, por meio de um constructo narrativo que valoriza as memórias dos sujeitos que vivenciaram o processo histórico – e as versões desdobradas dessas –, em detrimento de uma escrita da História temporalmente linear. Seu recorte temporal, tão logo contempla os momentos anterior e posterior ao golpe civil-militar de 1964, transpassa as narrativas memorialísticas de modo dinâmico, sendo sensivelmente capturado pela lente do historiador. Muito atento às formas de construção das matrizes discursivas do sujeito que rememora, Montenegro circunscreve as articulações teórico-metodológicas entre História e Memória, tendo em vista “o quanto as experiências históricas, tecidas nos relatos orais, devem romper com os sentidos instituídos com base em análises que desconhecem as condições de sua produção, suas estratégias e ordenamentos discursivos”.² Nessa perspectiva, fica patente sua vinculação à uma análise teórica que esmiúça o conhecimento histórico em suas múltiplas dimensões e funções – havendo essas, por muitas vezes, sido ocultadas no *métier*. Um lugar social, uma prática e uma escrita;³ remete-nos, então, a categorias teórico-metodológicas delineadas no campo da História da Historiografia, e nos fornece, ainda, uma base analítica crítica para pensarmos a construção do conhecimento histórico em sua dimensão epistemológica.

A divisão capitular delinea a perspectiva do autor em relação às funções do conhecimento histórico no processo de rememoração do vivido e, em especial, às

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal da Bahia. Correio eletrônico: julio.ernesto@outlook.com.br

² MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 14.

³ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-108.

disputas políticas nas fontes por uma narrativa hegemônica no vestígio histórico. No primeiro capítulo, intitulado *Rachar as palavras: uma história a contrapelo*, o autor refaz o percurso metodológico pelo qual a História atravessou os séculos XVIII e XIX para se afirmar como um campo disciplinar dotado de um método próprio. Para tal, analisa a Física a partir de intelectuais como Einstein, Descartes e Newton, recolocando a História no cerne da discussão sobre objetividade do conhecimento, e sua relação com o pressuposto de verdade cognoscível. O segundo capítulo, por sua vez, analisa a intrínseca relação entre o narrado e o escrito, ou, dito de outra maneira, entre o entrevistado e o entrevistador. *Narradores itinerantes* dá nome ao mesmo que, de modo crítico, fundamenta-se nos pressupostos teóricos do texto *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, de Walter Benjamin,⁴ para analisar a produção do documento constituído na oralidade – levanta-se, todavia, a questão anteriormente sugerida pelo autor: a análise da narrativa deve estar acompanhada de uma crítica às suas condições de produção, prática e escrita. É por esse viés que Montenegro se insere, teórico-metodologicamente, no postulado da micro história como estratégia narrativa no plano estético do constructo histórico. Ainda nesse capítulo, são analisados alguns relatos orais, evidenciando as maneiras pelas quais os sujeitos históricos apreenderam, analisaram e reelaboraram suas percepções acerca das ideias comunistas antes e depois do golpe de 1964, no estado de Pernambuco.

Sobre esse nebuloso episódio da história nacional, os capítulos *Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução* e *Labirintos do medo: o comunismo (1950-1960)* dão forma às lembranças presentes nas narrativas, conjuntamente com a documentação do Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco (Dops-PE). É importante frisar a demarcação tipológica que se estabelece nesses dois capítulos, qual seja, a análise comparativa de fontes de naturezas distintas, nas quais “diálogos com trabalhadores, proprietários rurais, lideranças sindicais e políticas são amplamente transcritos, demarcando uma complexa teia de compromissos e antagonismos sociais”.⁵ No tocante à organização política das Ligas Camponesas para viabilizar um projeto político versado nos ideais comunistas, ao menos no plano estadual, o autor indica a apreensão de um discurso anticomunista em jornais locais e estrangeiros, como o *The New York Times*, de modo que se coloca em relevo o potencial ideológico das mesmas –

4 BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

5 MONTENEGRO, op. cit., p. 15.

Ligas Camponesas – nas dimensões regional e nacional. Sobre essa questão, Montenegro assinala:

Afinal, a retórica da ameaça comunista, que domina os meios de comunicação e também o discurso e a prática de diversas instituições, aparece associada à destruição de valores e práticas muito caros à sociedade, como a família, a propriedade privada e a religião. Nesse âmbito é que analiso documentos em que discursos, imagens e práticas, produzidos por diversas instituições e representantes da sociedade civil, semeiam um sentimento de perigo, de ameaça e de medo.⁶

Quanto à atuação da Igreja Católica na América Latina, Montenegro dá relevo, nos capítulos *Arquiteto da Memória: nas trilhas dos sertões de Crateús* e *Política e Igreja Católica no Nordeste (1960-1970)*, à relação entre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a investida anticomunista de frente cristã. Evidencia as intenções primeiras da política mundial de Roma na atuação eclesiástica nos continentes latino-americano e africano, onde haveria, segundo tal, urgência de vocações sacerdotais, além da ameaça latente de perda da hegemonia religiosa sobre as populações com o avanço de três forças – comunismo, espiritismo e protestantismo. De fato, a relação postulada esclarece a postura da Igreja Católica no período pré-golpe de 1964, tendo ela paulatinamente apreendido um posicionamento progressista e contra ditatorial na medida em que o regime ia tomando aspectos cada vez mais autoritários; sendo marcado, também, pelas orientações da Conferência de Medellín (1968) e seus desdobramentos políticos, como a Teologia da Libertação. Dois aspectos marcantes estão presentes nos referidos capítulos. O primeiro diz respeito à dimensão imperialista da atuação da Igreja Católica e do governo dos EUA no Brasil, qual seja, “a forma como uma parcela da classe política, econômica e mesmo religiosa do Brasil se alia a forças mundiais para enfrentar seus adversários internos, nomeados de comunistas, no período pré-golpe”,⁷ de modo que o autor se filia, teoricamente, à concepção de imperialismo pensada por Edward Said.⁸ O segundo se refere à complexa relação entre o Estado e os representantes da Igreja Católica após o golpe civil-militar de 1964, colocando-se em evidência as disputas políticas e ideológicas ulterior à própria Igreja, como as denúncias de eclesiásticos aos seus pares tidos como comunistas – um encadeamento político baseado, de fato, em colaboração e confronto.

6 Ibidem, p. 16.

7 Ibidem, p. 17.

8 SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Ademais, o livro é revelador de uma sensibilidade ímpar no trato com as memórias dos indivíduos entrevistados, e mais, explora criticamente os caminhos narrativos dispostos nas fontes, sempre articulando-os com a comparação tipológica – há uma persistente atenção metodológica em seu trabalho. Dessa maneira, *História, Metodologia, Memória* se inscreve como obra historiográfica indispensável nos estudos sobre (anti)comunismo, Igreja Católica e ditadura civil-militar na região Nordeste, sobretudo por sua atenção teórico-metodológica no trato com as fontes orais de memória, e pela atenção dada à construção do conhecimento histórico em seus aspectos epistemológicos.

Recebido em 15 de outubro de 2018 e aprovado para publicação em 30 de dezembro de 2018